

AS HIPÓTESES FILOGENÉTICAS E ONTOGENÉTICAS DE FREUD E A GÊNESE DA CULTURA

Mônica Guimarães Teixeira do AMARAL*

RESUMO

Este artigo pretende apresentar as hipóteses filogenéticas de Freud, desenvolvidas particularmente no ensaio *Totem e Tabu* (1912-3), como uma contribuição metapsicológica e não como um trabalho de Antropologia histórico-empírica.

O mito do parricídio, acreditamos que deva ser compreendido como uma construção meta-teórica, da qual Freud se utiliza para elucidar o ato instituidor do desejo - o interdito. Este, por sua vez, constituiria o fundamento da cultura, da moralidade e da religião ocidentais.

INTRODUÇÃO

Segundo Enriquez¹, Freud em *Totem e Tabu* (1912-3), "inaugura sua teoria acerca do fundamento do social e da cultura". O próprio Freud afirma no prólogo desta obra que se trata de uma primeira tentativa de sua parte de pensar questões não resolvidas da psicologia social a partir das descobertas da psicanálise. Freud insiste que a explicação da origem da cultura deve ser histórica e psicológica, daí a necessidade de se remeter aos planos filogenético e ontogenético.

(*) Mestre em Psicologia Social, PUC-SP. Doutoranda em Psicologia Escolar, USP. Professora no Departamento de Psicologia da Educação, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP - Araraquara, lecionando a disciplina de Psicologia Social.

(1) Enriquez, E. *De la horde a l'État - Essai de psychanalyse du lien social*. France, Éditions Gallimard, 1983.

A hipótese do parricídio implícita no mito da horda original vem a título de preencher a lacuna que se esboça na teoria psicanalítica a partir do abandono da teoria da sedução (vide carta de Freud a Fliess, de 1877): põe em seu lugar um outro real, ou seja, a pré-história da Humanidade. Freud não tem a pretensão de construir uma pré-história realista. Intenciona apenas desvelar os sistemas de captação do real, ou seja, partindo do pressuposto de que o ser humano está condenado a repetir a história de seus antepassados, procura construir uma fundamentação para o aparelho psíquico.

A pouca aceitação desta obra, principalmente entre psicanalistas ortodoxos, explica-se, de acordo com E. Enriquez (1983), entre outros fatores, pelo fato de implicar em um pensamento pessimista que fez "nascer a humanidade de um crime cometido em comum...²". Freud visualiza uma sociedade que se funda em um crime primordial, instaurando, por sua vez, uma sucessão de outros crimes.

A cronologia que está pressuposta no mito da horda original foi fixada a partir de um real fantástico, um mito instaurador, que permite articular desejo e fantasia. Freud supõe que o mito da horda original constitui-se enquanto fantasia originária; esta torna-se o fundamento que organiza e estrutura a libido (princípio e organização).

Laplanche e Pontalis (1988) consideram que o conceito de "fantasias originárias" remete a "algo que transcende simultaneamente a vivência individual e o imaginado"³.

Quer dizer que, mesmo após o abandono da teoria da sedução, Freud continua em busca de uma cena original que, muitas vezes, foi confundida com um evento real. Mas a descoberta do inconsciente, segundo Laplanche e Pontalis (1988), coloca essa busca das origens em uma nova dimensão. Freud encontra na explicação filogenética a justificativa da existência "de um esquema anterior, capaz de funcionar como organizador."⁴ Considera, inclusive, que as fantasias possam ter sido realidade na pré-história da humanidade.

É preciso ressaltar, ainda, que diante do abandono da teoria da sedução e de sua substituição pela teoria da fantasia, como

(2) ENRIQUEZ, E. Op. cit., 1983, p. 32.

(3) LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. - B. *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da fantasia*. Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1988, p. 50.

(4) Id. *ibid.* p. 53

afirmam Laplanche e Pontalis (1988), "algo se perde": "na conjunção e no jogo temporal das duas cenas inscrevia-se uma **pré-subjetiva**, simultaneamente além do evento pontual e das imagens internas."⁵

De posse da fantasia, perdeu-se a estrutura que a organizara; com a teoria da sedução, se bem que se desconhecia a fantasia, tinha-se ao menos a intuição da estrutura (sedução como uma questão universal precedendo o evento). Só mais tarde Freud reconhece, como afirmam os autores, que havia algo de positivo na teoria da sedução, pois mesmo sem se dar conta, havia descoberto o Complexo de Édipo.

Desse modo, concluem Laplanche e Pontalis (1988): "Na noção de **fantasia originária**, confluem o que se pode chamar de desejo de Freud de descobrir o alicerce do evento (e, se ele se apaga na história do indivíduo à força de ser refratado e desmultiplicado, retroceder-se-á mais e mais...) e a exigência de basear a estrutura da própria fantasia em alguma outra coisa que não o evento".⁶

Totem e Tabu (1912-3) constitui-se em uma tentativa de reconstruir o desejo infantil, estabelecendo paralelos entre este e os desejos do neurótico e do homem primitivo. O autor em questão procura preencher a lacuna que se abre no momento do abandono da teoria da sedução, por meio da hipótese filogenética impondo um real que se estende à pré-história da humanidade, de modo a fundamentar a organização e o desenvolvimento do desejo.

A análise que se segue da obra **Totem e Tabu** faz-se basicamente a partir do último capítulo, objetivando identificar como Freud traduz o entrelaçamento entre a ontogênese e a filogênese, entre o desenvolvimento da libido e as questões da cultura. Consideramos que esta trajetória possa ser produtiva para nossas reflexões, na medida em que o último capítulo, "O Retorno Infantil do Totemismo", sintetiza todos os outros capítulos.

Sobre o "RETORNO INFANTIL AO TOTEMISMO"

Neste ítem da obra, talvez o mais polêmico de todos, o autor elabora uma espécie de antropologia filosófica, pois a hipótese do "mito originário" remete-se mais a uma elaboração conceitual do

(5) Id. *ibid.*, p. 41.

(6) LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. - B. *Op. cit.*, 1988, p. 53 (o grifo é nosso)

que propriamente empírica. Freud parece preocupar-se não com o Édipo empírico, mas com o Complexo de Édipo enquanto elemento organizador (estrutura, segundo Laplanche). Nesse sentido, apesar da relação com a mãe ser cronologicamente originária, segundo Freud, é a relação com o "falus" que se torna constitutiva do psíquico. Partindo desta premissa, o autor remete-se à hipótese filogenética. Assim como do ponto de vista da ontogênese é a relação com o pênis do pai que condiciona a relação com o seio materno, no que se refere à filogênese, o que aparece posteriormente na História condiciona o estágio anterior. Daí se explica a tese freudiana que defende a existência de um patriarcado anterior ao matriarcado, contrariando os resultados da pesquisa antropológica.

Ainda neste capítulo observa-se que às questões do tabu e da moralidade, Freud oferece respostas mais definitivas; já com relação ao totemismo e à religião, o autor deixa em aberto para outras investigações. "Só uma síntese dos resultados obtidos nos diferentes ramos da investigação poderá decidir sobre a importância relativa que deve ser atribuída à gênese da religião cujo mecanismo vamos tentar descrever. Mas este trabalho ultrapassaria tanto os meios de que o investigador psicanalítico dispõe quanto a finalidade que persegue"⁷.

A referência às teorias de Wundt e Frazer acerca da origem do totemismo, da motivação da exogamia e do tabu do incesto, é feita no sentido de preparar o caminho para elucidar, do ponto de vista psicanalítico, como se institui o desejo e o objeto do desejo. Em seguida, realiza uma espécie de revisão das teorias nominalistas, sociológicas e psicológicas, procurando nelas identificar contribuições para o esclarecimento das questões acima colocadas. Considera, por fim, que somente a psicanálise teria condições de explicitar o totemismo, cuja explicação, de acordo com Freud, deve ser histórica e psicológica. "Nossa explicação desta singular instituição totêmica há de ser ao mesmo tempo histórica e psicológica e deve esclarecer tanto as condições em que se desenvolveu quanto as necessidades psíquicas do Homem, das quais constitui uma expressão"⁸.

Considerando as diversas tentativas de explicação do totemismo inadequadas pelo fato de não se explicitar a questão da

(7) FREUD, S. *Totem e Tabu*, 3ª Ed. Trad. Luis Lopez - Ballesteros y de Torres. Madrid, Ed. Biblioteca Nueva, 1973, Tomo II, p. 1810.

(8) FREUD, S. *Op. cit.*, p. 1815 - 1816.

estrutura totêmica, Freud aponta suas falhas: "... por serem muito **racionalistas** e não levarem em conta o lado **afetivo** da matéria, ou por parecerem baseadas em premissas não confirmadas pela observação".⁹ A necessidade de observar a importância da exogamia e o caráter ancestral do totem tornam-se fundamentais para a formulação de uma teoria que se remete à gênese do totemismo, o que, na maioria das vezes, é omitido pelas diversas teorias analisadas por Freud.

Uma das explicações mais próximas às da Psicanálise sobre as origens da exogamia e do tabu do incesto são as que foram elaboradas por Frazer, na medida em que este autor crê na existência de "um instinto natural que impulsiona ao incesto", em contraposição às teses que defendem uma aversão natural às relações incestuosas. Segundo este autor, se algum obstáculo se opõe à realização do incesto, deve ser de ordem social e não algo imanente à natureza humana. Em concordância com Frazer e opondo-se a seus adversários, Freud conclui: "A psicanálise nos ensina, pelo contrário, que os primeiros desejos sexuais do homem são sempre de natureza incestuosa, e que estes desejos reprimidos desempenham um papel muito importante como causas determinantes das neuroses posteriores".¹⁰

A hipótese filogenética formulada por Freud, no entanto, encontra seus fundamentos históricos na teoria darwiniana, a partir da qual prepara-se o caminho propriamente para uma explicação psicanalítica.

Vejamos, então, qual a hipótese levantada por Darwin sobre o "estado social primitivo da humanidade". De acordo com suas formulações, supõe-se a existência de homens primitivos que viviam como os macacos superiores, em pequenas hordas, dentro das quais, possivelmente, o macho mais forte defendia para si a exclusividade nas relações com as fêmeas do grupo. Supunha-se também que a cada vez que um macho jovem atingisse um determinado estágio de desenvolvimento, coubesse a ele a tarefa de lutar pelo domínio absoluto do grupo; e isso era feito contra os demais machos. Ao vencedor caberia matar e expulsar os outros machos do grupo. E assim deve ter se constituído diversas hordas.

Freud, indo no "rastro" da hipótese darwiniana, supõe que possivelmente esta necessidade da horda primitiva de obter

(9) Id. *ibid.*, p. 1816.

(10) FREUD, S. Op. cit., 1973, p. 1826.

exclusividade nas relações sexuais com as fêmeas do grupo, acabou engendrando uma regra que depois se tornou lei - a proibição de relações sexuais entre os membros da mesma horda, que, com a "introdução do totemismo, transformou-se a proibição das relações sexuais no interior do totem".¹¹

Em seguida, Freud salienta a importância das teses darwinianas para a elaboração psicanalítica da hipótese filogenética. "Confrontando nossa concepção psicanalítica do totem com a questão da comida totêmica e com a hipótese darwiniana do estado primitivo da sociedade humana se nos revela a possibilidade de chegar a uma maior compreensão destes problemas e visualizamos uma hipótese que pode parecer fantástica, mas que apresenta a vantagem de reduzir a uma unidade insuspeitada uma série de fenômenos até agora desconexos".¹²

Desse modo, considerando que tenha existido um pai primordial, "violento e ciumento", que reservava para si o direito sobre todas as fêmeas e que ia expulsando os machos jovens conforme estes iam crescendo, Freud supõe que tenha eclodido posteriormente, uma rebelião dos irmãos contra o pai despótico. "Os irmãos expulsos se reuniram um dia, mataram o pai e devoraram seu cadáver, pondo assim um fim à existência da horda paternal".¹³ Procedeu-se, desse modo, à realização de um ato criminal, que individualmente lhes era vedado, mas que se tornou possível a partir do reagrupamento dos irmãos. O ato de devorar o chefe da horda, que era ao mesmo tempo invejado e temido pelo clã fraternal, possibilitou que os irmãos com ele se identificassem e se apropriassem da força e poder de que se supunha ser portador. De acordo com Freud, a comida totêmica, "talvez a primeira festa da Humanidade", representando uma espécie de "reprodução comemorativa deste ato criminoso", significou "o ponto de partida das organizações sociais, das restrições morais e da religião".¹⁴

Em função de uma "obediência retrospectiva", os filhos, após o parricídio, acabaram impondo para si as mesmas restrições que o pai lhes destinara anteriormente e contra as quais se rebelaram.

É preciso ressaltar que a explicação fundamental não se encontra na exogamia, mas na relação de ambiguidade (de ódio e amor) que se estabelece entre o macho dominante e os dominados.

(11) Id., *ibid.*, p. 1838.

(12) FREUD, S. Op. cit., p. 1838.

(13) Id., *ibid.*, p. 1838.

(14) Id., *ibid.*, p. 1838.

Traçando um paralelo entre a história do indivíduo e a história da civilização e considerando que a ontogênese reproduz a filogênese, Freud supõe que a horda fraternal mantinha para com a figura do pai despótico a mesma ambivalência de sentimentos observada no complexo paternal.

Do núcleo neurótico próprio do desenrolar do Complexo do Édipo, o autor deriva as proibições tabu do totemismo. "Se o animal totêmico é o pai, resultará, portanto, que os dois mandamentos capitais do totemismo, isto é, as **duas prescrições** tabus que constituem seu nóculo, ou seja, a proibição de matar o totem e a de **realizar o coito com uma mulher pertencente ao mesmo totem**, coincidirão com os dois crimes de Édipo, que matou seu pai e casou com sua mãe, e com os desejos primitivos da criança, cujo renascimento devido a uma repressão insuficiente formam talvez o nóculo de todas as neuroses".¹⁵

O que vai constituir estes dois desejos infantis são as condições históricas em que foram produzidos, que, por sua vez, nos remetem a uma **cena original**. Freud supõe que deve existir uma cena constitutiva desses dois desejos. Assim, os desejos de "matar o pai" e de "possuir a mãe" devem ter sido eliciados a partir da percepção que, por sua vez, condiciona a memória. Supõe que tenha existido uma primeira percepção que emergiu quando da constituição do Homem, o que nos remete à pré-história da humanidade. Daí ter recorrido à hipótese filogenética.

Enriquez (1983) considera que a história primordial, implícita no mito da horda primitiva, só conhece relações de força e relações sexuais não subjugadas, em que as relações de parentesco ainda não foram estabelecidas e reconhecidas como tal. Inicialmente, a exclusão da **palavra e da sexualidade** imposta aos irmãos pelo pai despótico os conduz a uma impotência comum. No entanto, isto não é suficiente para torná-los irmãos, pois esta impotência comum conduz a uma rivalidade entre eles, a uma luta para assumir o lugar privilegiado do pai. Mas para aceitar a divisão de poderes ou até mesmo sentir preferência por um dos filhos, seria preciso que o pai, por sua vez, se reconhecesse como pai, coisa que não acontece senão a partir do momento em que se inicia a civilização. Esta só se viabiliza a partir do momento em que os irmãos se reúnem para preparar o complô contra o pai, ou seja, a partir do momento em que

(15) FREUD, S. Op., cit., 1973, p. 1831, (o grifo é nosso).

se funda uma relação de solidariedade entre eles. Deriva-se daí o reconhecimento dos aspectos que os identificam entre si e que os diferenciam enquanto irmãos. É, pois, no ato preparatório do parricídio que os irmãos se identificam uns com os outros e reconhecem a ligação libidinal que os une em torno do ódio que desenvolveram para a figura do pai.

Segundo Enriquez (1983), a grande descoberta de Freud consiste no que se segue: "se foi o ódio que transformou os seres submissos em irmãos, foi o seu assassinato que constituiu o chefe da horda em pai".¹⁶ De onde se conclui que o pai só se transforma em pai no momento em que se torna objeto "de um desejo de morte", ou seja, quando é morto simbolicamente ou na realidade. mas esse "pai morto" não é um pai real, e sim um "ser mítico", e enquanto tal provoca respeito, amor e veneração, mas que mesmo morto também é depositário de proibições. Dado esse caráter ambíguo da imagem do "pai morto", sua morte é acompanhada de "culpabilidade" e "veneração". A partir do momento em que a função do pai é reconhecida, os filhos assumem uma posição de dependência para com ele, "amarrados" entre o **desejo** e a **identificação**.

A cultura só pode ser concebida a partir destas referências à figura do pai. Daí se afirmar que a cultura possui uma essência "conflitual" e uma "vocação neurótica".

A união dos irmãos representa para Freud o nascimento do grupo que se faz presente, a partir de um projeto comum. Este se realiza por meio de uma conspiração contra o outro, contra uma onipotência tida como maléfica. Desse modo, a alteridade procede tanto desta conspiração quanto a partir do efeito de um ódio cindido. Inaugura-se o conhecimento do desejo a partir do momento em que se sabe o que se rejeita, isto é, a dominação. O objetivo da destruição não é aniquilar o outro, mas apropriar-se de sua onipotência e da violência originária. Freud relata, então, que após o parricídio, observa-se um verdadeiro ato coletivo de incorporação de carne, ossos e sangue do Pai, o que se torna responsável pelo surgimento **do sentimento de grupo**.

Na festa coletiva, em meio à qual se procede à incorporação das virtudes e do poder do pai, o grupo passa a vivenciar um sentimento comum de ódio e contentamento. Há como que uma

(16) ENRIQUEZ, E. Op. cit., 1983, p. 34.

identificação entre os membros do grupo que ocorre em meio à incorporação do pai e da identificação com sua onipotência.

Há, pois, dois momentos essenciais da história do parricídio. Um primeiro momento remete à coesão do grupo que emerge a partir de uma conspiração longamente preparada. O segundo momento importante é o da festa coletiva que se faz por meio da refeição realizada em conjunto. O ato de devorar o morto torna-se necessário, pois é preciso que interiorizem as capacidades do pai e se assegurem de uma origem ideal, de tal modo que se "transforme os membros do grupo em fragmentos representativos deste ideal e em seres humanos (e não em outros pretendentes à onipotência)".¹⁷ Mas um momento é condição do outro: se não houvesse o desejo de morte, o agrupamento não ocorreria; se o homicídio não fosse efetivado, a festa não poderia ser concebida.

É preciso reconhecer que a incorporação do chefe é imprescindível para que o grupo se una pelo amor e não pelo ódio. "A refeição instaura a comunidade feliz, funda um grupo onde a alteridade é reconhecida, a potência sexual partilhada e onde a linguagem sustenta a ligação erótica".¹⁸

A ambivalência dos sentimentos dos filhos em relação ao pai faz com que emerja o sentimento de culpa frente à morte daquele; instaura-se, desse modo, a renúncia ao objeto do desejo pelo qual os irmãos se ligaram, ao mesmo tempo que procede-se à veneração e à mistificação da figura paterna. Desvela-se, assim, o significado do Totem - este nada mais é do que o representante do "pai morto". Mas, como vimos, esta mistificação do pai, representada posteriormente pelo totemismo, não ocorre sem antes passar por um período de rivalidade entre os irmãos, já que se encontram impulsionados pelo desejo de ocupar o lugar do pai. Segundo E. Enriquez (1983), "o homicídio do pai institui a possibilidade constante de novos homicídios".¹⁹ A civilização não só nasce com o crime, mas se mantém por meio dele.

Mas a partir do momento em que se impõe uma proibição de caráter social, a do fraticídio, que sucede uma outra proibição de caráter religioso, a de matar o totem, é que se criam as possibilidades de surgimento da cultura. Depreende-se, pois, a importância da história do parricídio para a compreensão do surgimento da civilização - institui-se a partir dele a culpabilização, ao mesmo tempo que

(17) ENRIQUEZ, E. Op. cit., 1983, p. 36.

(18) *Id.*, *ibid.*, p. 37.

(19) ENRIQUEZ, E. Op. cit., 1983, p. 37.

se impõe a renúncia. Esta, por sua vez, cria a necessidade de se recorrer a uma lei exterior transcendente. Deriva-se daí a hipótese freudiana: "A sociedade repousa então sobre a responsabilidade comum do crime coletivo, a religião sobre a consciência de culpa e o remorso, e a moral, sobre a expiação exigida pela consciência de culpa."²⁰

Freud, por meio da hipótese do parricídio, descreve como se passa de um mundo de relações de força para um mundo de relações de aliança, de solidariedade; de um **Estado de Natureza** para um **Estado de Direito**. E. Enriquez (1983), aponta também que o nascimento do grupo não se faz sem o surgimento de alguns sentimentos como: ódio, veneração, amor, amizade e culpabilidade.

Enriquez (1983) considera que os temas tratados nos demais capítulos do **Totem e Tabu** (1912-3), tais como o desejo de incesto, a relação entre o tabu e a ambivalência dos sentimentos, e a onipotência das idéias, fornece apenas um maior esclarecimento da hipótese central do Totem e Tabu, qual seja a de que "toda sociedade repousa sobre um crime cometido coletivamente", além de oferecer "elementos decisivos ao pensamento de Freud sobre a instauração do social e de seus mecanismos de funcionamento".²¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se das teses freudianas levantadas em **Totem e Tabu**, que o nascimento do grupo está relacionado com o parricídio, com um crime cometido pela coletividade.

Ao mesmo tempo que se enuncia o caráter hipotético da "aurora da humanidade", a idéia do "mito originário" implica em um ato fundante que tenha um conteúdo real. Trata-se de um movimento irreversível que aponta para a necessidade de que o ato tenha sido realizado e que, por mais que tenha sido banido da consciência, reaparece nos sintomas neuróticos e nos atos falhos.

A hipótese filogenética de Freud supõe uma determinada cronologia histórica que não se sustenta pela investigação empírica. Segundo Freud, após o patriarcado que se caracterizava pela exogamia, deve ter existido uma fase caracterizada pela ausência de Lei, o matriarcado, que possivelmente tenha sido substituído pelo "con-

(20) FREUD, S. Op. cit., 1973, p. 1841.

(21) ENRIQUEZ, E. Op. cit., 1983, p. 38.

trato" entre o clã dos irmãos. Este último implicou, por sua vez, no proibição do assassinato do "pai morto", ou seja, de um "ser mítico" que havia lhes impigido a proibição do incesto.

Freud fornece elementos na obra em questão para se pensar que o desejo incestuoso, próprio da estrutura edípica, esteve presente em todas as sociedades e que, nas sociedades primitivas, apresenta determinadas características que as tornam "possuídas" pelo **horror ao incesto**. É deste horror ao incesto que surge a lei da **exogamia**, que proíbe toda relação sexual ou mesmo qualquer tipo de casamento intragrupal.

Desse modo, a **proibição do incesto** não é indispensável apenas para a constituição da família e da psique individual, mas é condição ou fundamento do social e talvez, como afirma Enriquez (apoiando-se nas teses de Lévi-Strauss), seja o que define a linha de passagem entre **natureza e cultura**. Segundo Enriquez (1983), o que Freud acrescenta em relação às interpretações sociológicas e antropológicas, é o fato de supor a necessidade de uma instância de interdição que impede a satisfação imediata das pulsões, ao mesmo tempo que vincula o desejo e a Lei, tanto no plano de indivíduo como do corpo social.

O que há é a edificação de uma cultura baseada no **interdito**. "Não pode existir corpo social (de instituições, de organizações) sem a instauração de um sistema de recalque coletivo".²²

A gênese das relações tabu se assenta sobre a renúncia à satisfação, em primeiro lugar dos desejos de morte e secundariamente, dos desejos incestuosos. Parece que a cada vez que se faz sentir a força das pulsões, exige-se uma barreira suplementar contra eles, que é representada pelo cerimonial de interdição. Este, por sua vez, fornece as bases para a constituição da consciência moral.

Enriquez (1983), apoiando-se em P. Kaufmann (L'inconscient du politique)²³, sugere que a hipótese do **homicídio originário** implica no reconhecimento de que a entrada da humanidade na linguagem coincide com a emergência de uma culpabilidade e com a internalização do interdito. Desse modo, a evitação da onipotência torna-se condição para a apropriação da **onipotência significativa**.

(22) ENRIQUEZ, E. Op. cit., 1983, p. 39.

(23) KAUFMANN apud ENRIQUEZ, E. Op. cit., 1983, p. 47.

Na verdade, trata-se de uma obra que parte do pressuposto de que não só nos tempos originais, mas ainda hoje o desejo incestuoso, embora condenado no plano consciente, continua sendo afirmado inconscientemente. O desejo de homicídio encontra-se ainda presente na sociedade atual e se não se expressa em ato, aparece sob a forma de culpa.

Segundo Enriquez (1983), a ordem da cultura constitui-se por meio da morte do pai, da rivalidade entre os irmãos, pela reedição do incesto e por meio do restabelecimento da onipotência das idéias presentes na linguagem. Discorda de Lévis-Strauss pelo fato deste conferir à história do parricídio apenas o estatuto de fenômenos imaginados. Segundo o autor, Freud tentou demonstrar por meio desta hipótese filogenética que "antes, tudo era ato, ação".

Refere-se a um estágio pré-histórico em que o parricídio é descrito como o ato que instaura as condições fundamentais de constituição do Complexo de Édipo. A civilização, por sua vez, tendo o Édipo como elemento estrutural, é marcada por contradições e ambiguidades: entre o desejo de morte e o recalque do mesmo, entre o desejo insatisfeito e a vontade de transgredir as normas.

Em *Totem e Tabu* (1912-3), Freud remete-se à pré-história como forma de conferir um fundamento, com base na realidade, de uma fantasia edípica originária. Esta categoria torna-se essencial para a investigação e interpretação psicanalítica acerca da estrutura e da organização libidinais, assim como da origem da civilização e de suas instituições; de onde se conclui que Totem e Tabu representa uma tentativa por parte de Freud de elaboração de um trabalho metapsicológico e não um texto de Antropologia histórico-empírica.

FREUD'S PHILOGENETIC AND ONTOGENETIC HYPOTHESIS AND THE GENESIS OF THE CULTURE

SUMMARY

This article intends to present Freud's philogenetic hypothesis, which has been particularly developed in his essay *Totem and Taboo* (1912-3), as a metapsychological contribution and not as an historical-empiric work on Anthropology.

We believe that the myth of parricide must be understood as a meta-theoretical contribution, that Freud uses to elucidate the act that first institutes desire: the interdiction. The latter, on the other hand, would constitute the foundation of western culture, morality and religion.

BIBLIOGRAFIA

- ENRIQUEZ, E. **De la horde a l'État Essai de psychanalyse du lien social**. France. Editions Gallimard, 1983.
- FREUD, S. **Totem e Tabu**. Obras Completas, vol. II. 3ª ed. Trad. de Lima Lopez - Ballesteros y de Torres. Madrid, Espanha, E. Biblioteca Nueva, 1973.
- LAPLANCHE, J. e J. - B. PONTALIS. **Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1988.